

Artigos

Expectativas acerca do filho por adoção: vilãs ou mocinhas?

Expectativas respecto al hijo por adopción: ¿villanas o heroínas?

Expectations about the adopted child: villains or heroes?

Catiane da Silva Marques¹ , Aline Cardoso Siqueira¹ ,
Marcos Ramos Marques da Silva¹ , Matheus Henrique Velho Trindade¹ 

¹Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

A adoção é um processo complexo, que consiste na chegada de um filho na dinâmica familiar. A chegada desse novo membro é marcada por expectativas, que podem contribuir para que esse filho ocupe um lugar privilegiado no inconsciente parental e assim favorecer para o acolhimento do filho ou provocar desencontros quando elas estão desalinhadas. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi conhecer a percepção de profissionais envolvidos com adoção e pais por adoção sobre as expectativas dos adotantes sobre o filho. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo-descritivo, realizado com 9 participantes, os quais responderam a um roteiro de entrevista semiestruturada. A análise revelou uma associação entre a vinculação afetiva bem construída entre pais e filhos por adoção, com a preparação simbólica que esses pais obtiveram no processo de espera na fila da adoção, relacionada à chegada desse filho. Também percebeu-se que pais que construíram esse lugar simbólico para seus filhos por adoção conseguiram atender determinadas demandas e entender mecanismos de defesa de seus filhos, propiciando uma dinâmica familiar com maior probabilidade de êxito. Por fim, reiteramos que o processo de construção do lugar simbólico do filho na parentalidade é importante para a constituição de famílias adotivas, evidenciando a necessidade de investigação futuras.

Palavras-chave: Adoção; Expectativas; Lugar Simbólico

RESUMEN

La adopción es un proceso complejo, que consiste en la llegada de un niño a la dinámica familiar. La llegada de este nuevo miembro está marcada por expectativas, las cuales pueden contribuir a que ese niño ocupe un lugar privilegiado en el inconsciente parental y así favorecer la acogida del niño o provocar desacuerdos cuando están desalineados. Así, el objetivo de este estudio fue conocer la percepción de los profesionales implicados en la adopción y de los padres de adopción sobre las

expectativas de los adoptantes sobre el niño. Se trata de un estudio cualitativo-descriptivo, realizado con 9 participantes, quienes respondieron a un guión de entrevista semiestructurada. El análisis reveló una asociación entre el vínculo afectivo bien construido entre padres e hijos a través de la adopción, con la preparación simbólica que estos padres obtuvieron en el proceso de espera en la fila para la adopción, relacionada con la llegada de este niño. También se observó que los padres que construyeron este lugar simbólico para sus hijos adoptados lograron atender ciertas demandas y comprender los mecanismos de defensa de sus hijos, brindando una dinámica familiar con mayor probabilidad de éxito. Finalmente, reiteramos que el proceso de construcción del lugar simbólico del niño en la crianza es importante para la constitución de familias adoptivas, destacando la necesidad de futuras investigaciones.

Palabras clave: Adopción; Expectativas; Lugar Simbólico

ABSTRACT

Adoption is a complex process, which consists of the arrival of a child in the family dynamics. The arrival of this new member is marked by expectations, which can contribute for this child to occupy a privileged place in the parental unconscious and thus favor the reception of the child or cause disagreements when they are misaligned. Thus, the objective of this study was to know the perception of professionals involved with adoption and parents for adoption about the expectations of adopters about the child. This is a qualitative-descriptive study, carried out with 9 participants, who responded to a semi-structured interview script. The analysis revealed an association between the well-built affective bond between parents and children through adoption, with the symbolic preparation that these parents obtained in the process of waiting in line for adoption, related to the arrival of this child. It was also noticed that parents who built this symbolic place for their adopted children were able to meet certain demands and understand their children's defense mechanisms, providing a family dynamic with a greater probability of success. Finally, we reiterate that the construction process of the child's symbolic place in parenting is important for the constitution of adoptive families, highlighting the need for future research.

Keywords: Adoption; Expectations; Symbolic Place

1 INTRODUÇÃO

A adoção é uma modalidade de colocação em família substituta, a qual garante plenos poderes parentais aos adotantes, caracterizando-se como último recurso depois de esgotadas as possibilidades de retorno da criança à família de origem, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990). Trata-se de um processo complexo que transpassa diversos fatores que podem contribuir ou desamparar a vinculação entre pais e filhos, havendo a presença de paradigmas sociais como supervalorização de laços sanguíneos, rede de apoio, família extensa, entre outras variáveis.

Milhares de famílias têm se constituído pela via da adoção a cada ano, sendo a infertilidade uma das motivações. As taxas de infertilidade têm aumentado ao longo das décadas e em abril de 2023, a Organização Mundial de Saúde (2023) revelou uma estimativa de que 17,5% da população são inférteis no mundo, ou seja, uma a cada seis pessoas no mundo terá dificuldades para engravidar. Além da dificuldade em gerar um filho, entre os motivos para a escolha pela adoção estão o desejo de ser mãe ou pai, medo da solidão, o sentimento altruísta de proporcionar uma família para crianças/adolescente ou um irmão para outro filho (Gondim *et al.*, 2008; Mariano; Rossetti-Ferreira, 2008; Salvaterra; Veríssimo, 2008; Silva; Mesquita; Carvalho, 2010; Vanalli; Santana, 2009).

As expectativas presentes no momento que antecede a adoção são fundamentais para a forma como a adoção será vivida pelos pais e filhos. A construção da parentalidade ocorre antes do encontro deles, de modo que a história de vida dos pais, o desejo de tornar-se pai e mãe, os conteúdos conscientes e inconscientes são potentes para a construção do lugar que esse filho ocupará na dinâmica parental. As expectativas podem ser uma potente variável nesse processo, trazendo consigo as motivações e fantasias parentais a favor da adoção, como também podem ser a principal responsável pelo embate do filho imaginado versus filho real, que quando não bem elaborado, pode ser significativamente danosa para a vinculação (Morelli; Scorsolini-Comin; Santeiro, 2015). É possível conectar as expectativas com o lugar simbólico do filho no imaginário dos pais, o qual se concretiza com a chegada do filho por adoção. O lugar simbólico do filho no inconsciente parental é de suma importância para uma adoção bem sucedida, uma vez que representa a preocupação de como esse filho fará parte da dinâmica familiar (Fernandes; Santos, 2019). Para tal, há o processo da gestação psíquica que aumenta a aproximação e nutre esse lugar antes mesmo da chegada do filho, pois, já estar presente no inconsciente dos pais proporciona uma ideia do que poderá ser a vivência entre pais e filhos por adoção.

A adoção é um tema de intenso interesse e estudos no campo científico. Estudos atuais têm se debruçado por diferentes temas, como a construção do projeto adotivo (Campanha-Araújo; Nascimento, 2022), aspectos psicológicos das crianças e dos

adolescentes na adoção tardia (Barros; Ribeiro; Souza, 2021), a adoção como solução para uma conflitiva (Espindola; Viana; Oliveira, 2019; Souza; Brito; Monteiro, 2021), motivações para adoção tardia (Sampaio; Magalhães; Machado, 2020), os desafios enfrentados por adotantes e adotados na adaptação familiar (Peixoto *et al.*, 2019), entre outros. Contudo, trabalhos que lançam um olhar sobre as expectativas dos postulantes à adoção, dando voz tanto aos profissionais envolvidos nos processos de adoção quanto aos pais que estão vivenciando o tornar-se pai e mãe, são escassos. Conhecer como os profissionais estão visualizando o processo e como está sendo favorecido ou desfavorecido na atualidade e em particular, como as expectativas dos pais atuam, pode ser valioso para aperfeiçoar os processos de adoção. Assim, nota-se que alguns pais por adoção sentem dificuldades no processo de vinculação com seus filhos, podendo levar à dissolução da adoção. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi conhecer a percepção de profissionais envolvidos com adoção e pais por adoção sobre as expectativas dos adotantes sobre o filho e como as mesmas interferem no processo de vinculação. Já o problema de pesquisa interposto é a construção do lugar simbólico do filho por adoção no inconsciente parental, favorece ou não o processo de filiação?

Para tanto, inicialmente serão apresentados aspectos teóricos da adoção e das expectativas presentes antes de concretizar a adoção, seguidos do método e resultados do estudo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 ADOÇÃO

A adoção, assim como a dinâmica da vinculação entre pais e crianças, não é um processo que ocorre de maneira rápida, mas sim é o resultado de uma complexa construção de projetos, sonhos e expectativas, que acontecem tanto pelos pais

postulantes à adoção, quanto pela criança ou adolescente que aguarda uma nova família (Campanha-Araújo; Nascimento, 2022). A literatura tem evidenciado que, na realidade brasileira, a busca por um filho pode ser resultado da tentativa de solucionar uma questão posta para o adulto ou uma insatisfação, como infertilidade, medo da solidão, altruísmo, por exemplo (Andrade; Costa; Rossetti-Ferreira, 2006; Caselatto, 1998; Fonseca; Santos; Dias, 2009; Souza; Brito; Monteiro, 2021). A partir disso, é possível constatar que muitos motivos para os adotantes iniciarem a movimentação são consequências de suas falhas e fragilidades, de uma esperança de o filho suprir algo faltante nos pais e alimentar suas fantasias. Por outro lado, o desejo de ser pai/mãe está presente, mas em uma menor motivação.

Atualmente, já é possível observar os interesses das crianças e adolescentes sendo levados em consideração, a partir de uma maior valorização da vinculação de parentesco afetivo (Machado; Féres-Carneiro; Magalhães, 2015). As novas organizações familiares passaram a notabilizar e jogar para o primeiro plano esse tipo de vínculo, entendendo que há uma construção necessária comum no tornar-se mãe e pai que ocorre pela via do desejo e afeto. Assim, a espera pelo filho é marcada por grande expectativa, ansiedade e sentimentos ambivalentes tanto na parentalidade adotiva quanto na biológica. Esse novo elemento conceitual aproximou ambas parentalidades, contudo não significa negar as particularidades e complexidades da parentalidade pela via da adoção, uma vez que, quando o filho chega, ele carrega na bagagem toda sua história e suas vinculações anteriores, assim como os pais tem uma história prévia à adoção, todas as expectativas e investimentos nesse filho perpassam a transição para a parentalidade (Costa; Rossetti-Ferreira, 2007).

Para que uma criança esteja elegível à adoção, ela precisou vivenciar fragilidades ambientais e rompimentos em sua vida pregressa, como abandono, mais de um tipo de violência, muitas vezes, os quais levaram ao afastamento familiar e perda do poder familiar dos cuidadores principais (Dantas, 2020). Pressupõem a violação de seus direitos básicos. Segundo o ECA, a adoção é medida excepcional, “à qual

se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa” (Brasil, art. 39., § 1º, 1990). Há ainda casos em que a criança é entregue voluntariamente em adoção pela genitora, com a concordância do genitor, quando possível. Nesse aspecto, o ECA estabelece “Art. 13 – § 1. As gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção serão obrigatoriamente encaminhadas, sem constrangimento, à Justiça da Infância e da Juventude” (Brasil, 1990). Nos casos de entrega em adoção, a criança não vivenciou as situações de violência comuns às crianças e adolescentes afastados da família por medida de proteção, sendo uma situação diferente, ainda que exista a ideia de abandono e rejeição (Leão *et al.*, 2014). A partir disso, percebe-se que o acolhimento acontece em situações de negligência, violência, entrega ou abandono da família biológica, havendo uma ruptura nos vínculos parentais que pode impactar o desenvolvimento da criança. A vivência no acolhimento é uma experiência que marca a vida das crianças e adolescentes que foram afastados da família. Dantas (2020) apresenta elementos fundamentais para compreender que a vivência em uma instituição também pode se constituir em uma violação dos direitos das crianças e adolescentes e a instituição pode ser protagonista de conflitos e violências relacionais. Tendo em vista que na instituição a criança e o adolescente perdem a referência de família e de amor, elementos fundamentais para a sua constituição e para seu projeto de futuro. Na perspectiva do adolescente, pode ser uma experiência mais difícil, como apresentam Rolim e Siqueira (2023), cujo estudo evidenciou que as dificuldades dos educadores sociais em cuidar e educar adolescentes estavam relacionadas às questões inerentes tanto da fase do desenvolvimento adolescente quanto dos efeitos das vivências adversas pregressas, resultando num maior envolvimento dos adolescentes com situações de risco pessoal e social. As características individuais, sociais e familiares da criança podem estar em jogo no momento em que há o contraste entre o filho imaginado e o filho que chega, contribuindo para a consolidação do lugar do filho na família. As experiências de vida permeiam as relações possíveis e podem se

constituir em um obstáculo para o acolhimento do filho. Assim, torna-se importante apresentar o conceito de lugar simbólico e os seus desdobramentos.

2.1.2 LUGAR SIMBÓLICO DO FILHO

O lugar simbólico do filho pode ser denominado como o lugar que ele ocupa no inconsciente parental, antes mesmo de sua chegada de fato na família, possuindo questões como o desejo de ser pai/mãe, fantasias e as expectativas sobre esse filho que chega (Winnicott, 1951/1975). É construído a partir da decisão de tornar-se pai/mãe pela via da adoção e se mantém durante todo o processo, havendo, posteriormente, o embate entre o filho real e o filho imaginado, o último construído nessa ordem simbólica inconsciente (Morelli; Scorsolini-Comin; Santeiro, 2015). Esse ajuste irá permitir a genuína integração do filho no simbólico da família.

A literatura tem destacado que esse filho que chega possui determinadas tensões instintuais, que só serão resolvidas a partir de um ambiente suficientemente bom, construído por seus pais (Winnicott, 1997). Por exemplo, o filho que chega pode se sentir deslocado do núcleo familiar e, ao mesmo tempo, temer nova ruptura, cabendo aos pais oferecer um ambiente no qual o filho possa expressar seus sentimentos e também ter suas necessidades físicas e emocionais atendidas. Parte desse ambiente está relacionado com o lugar simbólico que os pais circunscrevem seus filhos, sendo necessário que estas questões sejam trabalhadas durante o processo de adoção (Fernandes; Santos, 2019). As famílias em transição para a parentalidade adotiva passam por modificações emocionais e físicas impostas pela chegada de um filho na dinâmica familiar, reveem seus sentimentos e dos seus filhos com finalidade de curar suas feridas narcísicas. A preparação emocional irá possibilitar trilhar um caminho novo, de descobertas e interpretação de suas angústias. Esse novo caminho está relacionado com os pais por adoção olharem de um modo diferente para a adoção e o filho que chega, sendo a parentalidade pela via da adoção permeada por especificidades como por exemplo a história prévia da criança, a família extensa e os motivos que levaram à

adoção. Essas singularidades precisam estar bem elaboradas para que o lugar que esse filho ocupará, primeiramente, no inconsciente parental e posteriormente na dinâmica familiar, seja seguro (Levinzon, 2006; Rocha; Freitas, 2011).

As principais questões que aparecem na vinculação entre pais e filhos por adoção são a dificuldade em integrar o passado da criança no lugar simbólico e por consequência na dinâmica familiar, a falta de entendimento em relação aos comportamentos apresentados pelo filho por adoção, bem como a própria aceitação que o filho que chega é diferente do filho ao qual foi imaginado (Fernandes; Santos, 2019). Essas questões somadas tornam o processo de vinculação entre pais e filhos por adoção mais delicado, e nos casos em que a preparação foi intransigente pode resultar em uma dissolução da adoção (Morelli; Scorsolini-Comin; Santeiro, 2015). No processo de vinculação, há uma gestação psíquica que é um processo psicológico no qual os adotantes passam a construir sentidos acerca da criança ou adolescente a ser adotado, sendo essencial para a vinculação filio-parental (Morelli; Scorsolini-Comin; Santeiro, 2015). Outro ponto importante é o sentimento de pertencimento na dinâmica familiar, pois pode haver uma boa vinculação emocional entre pais e filhos, sem que haja vínculos de filiação no funcionamento daquela família (Fernandes; Santos, 2019; Marques, 2022). O sentimento de pertencimento parece estar em cheque em alguns casos, como se membro adotado fosse um “hóspede em sua própria casa” (Marques, p. 30, 2022). Há também o sentimento de um possível abandono de ambos lados: pelos pais por adoção, que a criança ou adolescente possui; e pelo filho por adoção, ao apresentar desejo de buscar a família biológica (Fernandes; Santos, 2019; Huber; Siqueira, 2010; Sampaio; Magalhães; Féres-Carneiro, 2018), o que pode gerar uma relação construída por um certo medo.

A falta de redes de apoio quando os pais estão à espera para a adoção pode impactar negativamente a segurança do lugar simbólico em constituição, sendo estas caracterizadas tanto na esfera social e familiar, quanto na esfera jurídica e profissional (Pordeus; Viana, 2020; Sampaio; Magalhães; Féres-Carneiro, 2018). Dias (2020), Huber e Siqueira (2010) e Fernandes e Santos (2019) apontam que a participação em grupos

de apoio, como roda de conversas sobre a adoção, orientação de profissionais e o apoio da família e amigos são essenciais para que os pais se sintam mais seguros e construam o lugar simbólico para esse filho ocupar. Também afirmam que os pais por adoção sentem um desamparo jurídico/profissional durante e depois do processo ocorrer, marcado por um sentimento de abandono. Assim, passa-se ao percurso metodológico do estudo.

2.2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa-descritiva, na qual foi proposto pelos pesquisadores, compreender e interpretar as informações levantadas, buscando descrever a realidade dos participantes (Campos, 2004). A abordagem qualitativa permite a exploração dos conjuntos de opiniões e representações que um grupo tem sobre a temática que está sendo investigada, como também alcançar a complexidade da experiência do fenômeno pesquisado a partir da visão dos participantes (Creswell, 2010).

O estudo consiste em um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre o tema da adoção. A pesquisa foi realizada em uma cidade do Rio Grande do Sul, tendo como participantes diversos profissionais que atuam na área da adoção, como juízes, psicólogos e assistentes sociais, além de pais e mães por adoção. Utilizou-se o método “bola de neve” para a seleção de participantes, que consiste no recrutamento de novos membros para a pesquisa a partir de uma rede de contatos e indicações dos próprios participantes. O critério de inclusão foi atuar profissionalmente nas demandas da adoção por tempo mínimo de 1 ano ou ser pai ou mãe por adoção, não havendo critérios de exclusão. Assim, foram consideradas as entrevistas realizadas com uma juíza atuante em vara de família (P2), uma assistente social atuante em acolhimento institucional (P3) e outra atuante no poder judiciário (P9), um casal por adoção que teve a adoção interrompida (P5), uma psicóloga atuante em acolhimento institucional (P6) e outra psicóloga judiciária atuante na vara da família (P7), uma assistente social

atuante no acolhimento institucional (P10), um membro do grupo de apoio e incentivo a adoção (P12) e uma mãe por adoção (P14).

Para a obtenção dos dados, utilizou-se uma entrevista semi-estruturada intitulada “Entrevista sobre o olhar para o pós adoção”, buscando favorecer a exploração das experiências de cada participante. As entrevistas foram realizadas de forma remota por meio da plataforma *Google Meet* no ano de 2021, gravadas em áudio e transcritas posteriormente, com duração média de uma hora. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (CAAE 40799920.2.0000.5346). Os participantes foram informados sobre o objetivo do estudo, além da afirmação da participação voluntária. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo todos os cuidados éticos atendidos, conforme a resolução Nº 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia, e a resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Para a análise das entrevistas, utilizou-se a técnica da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2015), como um conjunto de técnicas de análise, que visa, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, descrever o conteúdo das mensagens. Foram encontradas duas categorias temáticas: (1) Expectativas: Vilãs ou mocinhas?” e (2) O lugar simbólico do filho na família.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.3.1 “Expectativas: Vilãs ou mocinhas?”

Esta categoria incluiu os dados sobre a percepção dos profissionais e pais por adoção sobre as expectativas do filho. Também, serão apresentados aspectos sinalizados pelos participantes no que se refere à interlocução das expectativas no momento do pós adoção. Segundo os participantes, as expectativas dos adotantes são fundamentais para o acolhimento ou rejeição do filho que chega à família. Um dos principais pontos destacados pelos participantes foi a presença de expectativas altas,

como perfeição no jeito de ser e de se comportar, pressuposição de que a criança já soubesse como é a rotina de uma família, e até desencontros dos pais quanto à expectativa considerando a faixa etária da criança ou adolescente. Os participantes indicaram que a falta de preparo e/ou pouco conhecimento sobre a realidade das crianças adotadas podem favorecer a criação de expectativas irreais em relação à criança. Os trechos a seguir evidenciam essas constatações.

Assim eu vejo que muitos casais não estão preparados para esse convívio, acham que vai ser a criança perfeita. (P7)

Por ela já ser uma mocinha, pensamos que tinha coisas que ela já sabia fazer, que ela se adaptaria tranquilamente a nossa rotina. (P5)

Algumas famílias têm um pensamento ou uma expectativa que não condiz com a realidade da criança, o que vemos em alguns casos é que a família acha que quanto mais idade a criança têm, mais ela entende, esperam maturidade, compreensão e não é bem assim, por vezes a idade maturacional da criança não condiz com maturidade emocional dela. (P9) (grifos nossos)

A expectativa em relação ao filho que será adotado se refere à idealização que os pais fazem dos seus filhos, o filho perfeito, saudável, que se assemelha aos pais, com comportamentos que possam ser facilmente moldados. Em alguns casos, essa expectativa quando relacionada ao desejo dos pais de que a criança se assemelhe aos pais adotivos pode encobrir os medos advindos das questões de origem do filho adotivo (Costa; Campos, 2003; Ghirardi, 2009; Levinzon, 2016, 2020; Machado 2014; Schettini; Amazonas; Dias, 2006; Souza; Casanova, 2018). Ter expectativas desencontradas pode indicar uma frágil preparação para o exercício da parentalidade, justamente porque os exemplos mencionados refletem tanto um desconhecimento do contexto da criança quanto do momento do desenvolvimento que ela se encontra.

Foi possível constatar também, nas falas dos participantes P5 e P9, a expectativa de que a adoção de crianças mais velhas fosse mais fácil, uma vez que dispensava a dedicação integral presente no cuidado de bebês. Esse aspecto corrobora o estudo de Fernandes e Santos (2019), que perceberam que alguns pais

escolhiam filhos mais velhos por terem a percepção que são mais “fáceis” de lidar do que bebês. Entretanto, o processo da adoção tardia tem suas dificuldades, já que a criança precisará se vincular e muitas vezes não terá os mecanismos emocionais necessários para isso acontecer, cabendo aos pais oferecer um lugar na dinâmica familiar construído durante a fila pela adoção. Segundo Pordeus e Viana (2020), o processo de vinculação é fundamentalmente a segurança que precisa ser passada de adotante para adotado. Essa segurança diz respeito à provisão de afeto, moradia, atenção, aspectos imprescindíveis para o desenvolvimento do vínculo familiar.

Segundo os participantes, as expectativas podem ser ajustadas antes mesmo que o processo de adoção se concretize. Os participantes sinalizaram que as mudanças nas expectativas desencontradas podem ocorrer pela busca de conhecimento sobre a adoção, a criança ou adolescentes, projeção de planos, como também pela preparação para a parentalidade. Esses elementos foram sinalizados pelas mães participantes da pesquisa e por alguns profissionais que notaram esses aspectos no atendimento dos pais.

Teve mudanças que eu fiz antes dela chegar que ajudou muito, já estava tudo preparado, mesmo sabendo que podia demorar (P14).

Aquele preparo, quando os pais chegam já abertos, que já pensaram em como vão organizar a rotina, o espaço físico, os preparativos para receber a primeira vez em casa (P10).

Tem coisas que tu já planejou. Há uma diferença daqueles pais que ficam alheios durante o tempo de espera e daqueles pais que durante esse tempo usam para planejar sua vida para a chegada, o filho já existe entre eles, só falta se concretizar (P12) (grifos nossos).

No caso da filiação adotiva, o filho ocupa o imaginário dos pais. Estudos sinalizam que, no tempo de espera pela adoção, o filho imaginado estará presente nas preocupações, no planejamento do futuro com o filho, nas reorganizações da família, no planejamento da recepção, criando um espaço para esse filho ocupar (Schettini; Amazonas; Dias, 2006; Souza, 2012).

A fala do P12 ilustra a diferença entre pais que esperam pelo filho de forma “estática” e aqueles que esperam “em movimento”. Segundo Scorsolini-Comin, Amato e Santos (2006), manter-se em movimento durante o tempo de espera favorece para que esse filho vá ocupando o espaço no imaginário familiar, sendo que os grupos de apoio à adoção, a troca de experiência com outros pais ou a busca por orientação profissional são movimentos que favorecem esse momento. Já Huber e Siqueira (2016) alertam para o fato de que a idealização do filho adotivo pode ser um momento de grande ansiedade e ambivalência. Esses sentimentos se dão pelo fato de que, no momento da idealização, o futuro pai/mãe está gestando simbolicamente e é nesse gestar que ocorre a preparação para a chegada do filho, de como você irá exercer o papel parental, sendo necessário refletir sobre as motivações que levaram a adotar e esses elementos dão lugar ao filho imaginário e ao lugar que ele ocupará na dinâmica parental para depois, com a chegada do filho real, ser possível elaborar o luto da criança/adolescente que chega e muitas vezes difere do imaginado pelos pais.

Dessa forma, pode-se constatar que as expectativas estão presentes nesse processo e podem estar tanto a favor da adoção quanto desfavorecendo-a. O contato com conhecimento construído sobre a adoção e com grupos e pessoas desse universo podem ser fundamentais para que estas expectativas sejam “mocinhas”, ou seja, favoreçam os laços afetivos e sociais.

2.3.2 O lugar simbólico do filho na família

Essa categoria tem como tema central a construção do lugar simbólico do filho na família, o lugar que o filho ocupa no inconsciente parental e a importância desse espaço para a construção da parentalidade foram trazidos. Quando os pais vivenciam esse momento, ficam mais abertos a identificar-se com o filho que chega e podem suprir as demandas, tanto físicas quanto emocionais que o filho suscita. As falas a seguir são exemplos do quanto impactou para os pais quando esse lugar simbólico não se estabelece. São as falas dos participantes que passaram por um processo de

interrupção da adoção ainda no período de convivência. Essa identificação favorece a vinculação inicial e o quanto isso pode ser desfavorecedor quando não acontece.

Nada do que fizemos era suficiente, como se não estivéssemos na mesma sintonia (P5).

A gente não conseguiu decifrar o que realmente ela precisava, se era ficar um pouco mais sozinha, se precisava de mais carinho, era como se em alguns momentos invadíssemos o espaço dela (P5).

Sabe quando é tudo totalmente diferente... é como se não encontrássemos nada de semelhante (P5) (grifos nossos).

Nas falas desses pais, nota-se que a falta de identificação gerou uma dificuldade para enfrentar os desafios inerentes da parentalidade. A literatura indica que o papel dos pais é construir o lugar que a criança ocupa não só na família, mas no mundo, o que só ocorrerá se uma aproximação subjetiva acontecer (Levinzon, 2004). Winnicott (2020) afirma que, para que a mãe consiga atender as necessidades do seu filho, é necessário um estado de identificação, assim ela passa a compreendê-lo, ou seja, entra em um estado de identificação intensa com o seu filho, esse estado apresentado pela mãe favorece o desenvolvimento socioemocional da criança. As falas do casal que interromperam a adoção (P5) sinalizam um sentimento de estranheza por esse filho que é diferente da mãe. O desafio da adaptação inicial dos pais em se ver com as suas angústias, sejam elas conscientes ou inconscientes. A literatura corrobora essas concepções ao trazer que quando os pais não estão com essas angústias bem elaboradas, a adaptação tende a não alcançar condições suficientemente boas para uma vinculação saudável e a criança pode recorrer a uma série de comportamentos defensivos. Além de tentar se adaptar ao ambiente, ela precisa se preocupar com o que esse ambiente espera dela, pois, o ambiente não se mostra aberto para oferecer os cuidados que ela necessita (Levinzon, 2018).

Ghirardi (2009) complementa que a dissolução da adoção acontece geralmente pelas dificuldades na vinculação entre pais e a criança/adolescente. Diante do exposto, nota-se que a construção desse novo espaço chamado família, que a criança/

adolescente irá ocupar, pode ser um lugar de afeto, segurança, amor e carinho como também pode ser lugar de brigas, desconfianças, conflitos e os mais variados tipos de violência, e isso depende de como a vinculação e o lugar que esse filho ocupa na família foi construído (Dantas, 2020).

Dois participantes do estudo mencionaram que é necessário tempo para que a criança se sinta segura e para que a vinculação realmente aconteça. Isso pode variar de família para família, dependendo das condições emocionais da criança e em que fase do desenvolvimento ela se encontra.

A gente tem muito cuidado em prestar todo o suporte às famílias, noto que algumas só pensam em realizar seus propósitos e por mais que fiquem cientes que a filiação adotiva não é um mar de rosas, muitas não se preparam para os desafios que irão enfrentar, as mudanças que irão passar e algumas não tem suporte suficiente para levar adiante. (P2)

Vejo que o mundo atual onde tudo acontece muito rápido, volátil, contribui para as frustrações na maternidade e paternidade, as pessoas querem que tudo seja rápido, as adaptações sejam rápidas, a construção dos vínculos e na maternidade não é assim. É preciso respeitar o tempo da criança, ela precisa confiar naqueles pais, não é por que ela estava no acolhimento que vai chegar amando aquele pai e aquela mãe, essa vinculação precisa ser construída e os pais precisam investir, se dedicar, assim como os pais precisarão de tempo a criança também precisa. (P3) (grifos nossos)

O filho por adoção já sofreu uma quebra de vinculação com as figuras de apego. Tendo em vista que apego é um tipo de vínculo afetivo biologicamente inato entre os seres humanos, que oportuniza a proximidade com outros indivíduos (Bowlby, 1990). Após essa perda, faz-se necessário que alguém se mostre disponível para ser uma figura ou objeto de apego, que irá oferecer sentimento de segurança, e assim estará mais preparado para lidar com o mundo (Bowlby, 2002).

Até que esses pais por adoção se tornem essas figuras, a criança precisa de tempo e depende das necessidades emocionais que precisam ser supridas de acordo com o momento da vida da criança e como foi o rompimento com a família biológica para se sentir totalmente segura. Batista e Moreno (2023), atentam para o fato de que a integração de um novo membro na família não é uma tarefa fácil nem para os pais

nem para o filho que chega, a falta de disponibilidade desses pais em oferecer um lugar seguro para esse filho ocupar e a falta de preparação emocional para se haver com o filho real, representa um risco para o processo de filiação.

Nas falas dos participantes P2 e P6, constatou-se que ainda é preciso trabalhar com os pais a questão do tempo de adaptação da criança e do quanto é necessário suprir e investir emocionalmente nessa relação, favorecendo o lugar que esse filho ocupará. Também notou-se como é importante que os pais se cerquem de uma rede de apoio de familiares, amigos e grupos de adoção para conversar sobre seus sentimentos, tirarem dúvidas e se prepararem para essa chegada.

Independente de ser bebê ou não, é preciso toda uma preparação, qualquer idade demanda, claro que adaptações diferentes, é preciso saber qual lugar esse filho vai ocupar da tua rotina da tua vida. (P2)

Não dá para deixar para pensar em certas coisas, só quando a criança chega, é preciso se preparar para participar dos grupos, conversar com famílias que já adotaram, mesmo que algumas dúvidas só irão surgir quando o filho chegar, é preciso ir criando um espaço para esse filho ocupar. (P6) (grifos nossos)

Tanto na parentalidade adotiva quanto na biológica, é necessário que os filhos ocupem um lugar privilegiado no inconsciente parental. A preparação psíquica deve ser sucedida/acompanhada pela preparação ambiental, no sentido das novas adaptações da casa, da rotina e da configuração familiar. Quando isso acontece podemos dizer que o ambiente está suficientemente bom e irá auxiliar novo membro a lidar com suas inquietações e elaborar os acontecimentos da sua vida, contribuindo para sua constituição (Huber; Siqueira, 2010; Winnicott, 1997).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo lançou luz para o tema das expectativas parentais e o lugar simbólico construído para o filho que chega. Ainda que o tema da adoção constitua-se um tema de interesse constante de inúmeras áreas do conhecimento, o potencial

científico não se esgota uma vez que novas nuances surgem e aspectos históricos são constantemente atualizados, sinalizando a importância de fomentar pesquisas atuais na área. Em particular, ainda se constata que estudos na perspectiva dos profissionais precisam ser realizados uma vez que são os atores sociais que realizam o processo e acompanham os casos de adoções bem e mal sucedidas. Além disso, a inclusão de pais que vivenciaram adoção mal sucedida pode ser considerada um ponto forte do estudo, já que se trata de indivíduos resistentes a entrevistas de pesquisa científicas (Rossato *et al.*, 2021). Levando em consideração a visão dos pais por adoção, percebe-se que há uma associação entre a vinculação com seus filhos e o lugar simbólico oferecido a eles. Nesse sentido, constatou-se a necessidade de uma preparação emocional para receber o filho que chega, no sentido simbólico do inconsciente parental, bem como uma preparação de rotina e lugar que esse filho vai ocupar na dinâmica familiar.

Notou-se que pode haver uma frustração dos pais em relação ao filho real, esse diferente do filho imaginado, sendo necessário também um acompanhamento durante e depois do processo de adoção. Isso pode acontecer a partir de uma rede de apoio de amigos e familiares, grupos de apoio e incentivo à adoção ou acompanhamento de um profissional capacitado no que tange ao assunto para que os pais se preparem para entender não só os seus sentimentos como também dos seus filhos. O estudo evidenciou a importância de pais “em movimento”, que estejam em busca de informação e troca de experiências, sendo esse perfil o dos pais cujas adoções transcorrem de maneira bem sucedida. Pais que não elaboraram suas questões emocionais, a gestação psíquica e o desejo de tornar-se pai/mãe, podem encontrar mais dificuldades de aceitar uma criança diferente da esperada, impactando na vinculação e constituindo-se um risco para adoções mal sucedidas.

Por fim, o filho por adoção precisa de tempo para elaborar suas novas figuras de apego e se adaptar a sua nova realidade, cabendo aos pais paciência e entendimento sobre os fenômenos, como os comportamentos de defesa da criança/adolescente,

que acontecem nesse processo. Portanto, é necessário que ao mesmo tempo em que os pais ofereçam um lugar simbólico em seu inconsciente, também precisam se adaptar à realidade e ao mundo do filho, sendo uma via de mão dupla. Por fim, estudos futuros poderão dar conta de aspectos não mencionados neste estudo, que devem ser investigados, levando em conta outras variáveis como, por exemplo, se há influência socioeconômica nesse processo e diferenças entre mãe e pai por adoção.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. P.; COSTA, N. R. A.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Significações de paternidade adotiva: Um estudo de caso. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 241-252, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2015.

BARROS, J. F. D.; RIBEIRO, P. W.; SOUZA, L. D. F. Os Aspectos Psicológicos da Criança e do Adolescente na Adoção Tardia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Porto Alegre, v. 41, n. spe3, p. 1-13, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/218103>. Acesso em: 24 abr. 2025.

BATISTA, C. V. M.; MORENO, G. L. Escuta no tempo de espera: entre o acolhimento e adoção – uma análise do conto “Martina e o Construtor de Pontes”. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 27, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/78447>. Acesso em: 24 out. 2023.

BOWLBY, J. **Apego e perda**. Apego: a natureza do vínculo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Trabalho original publicado em 1969.

BOWLBY, J. Comportamento de apego. *In*: BOWLBY, J. **Apego e perda**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 219-319.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: 16 jul. 1990; retificado em 27 set. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 07 maio 2023.

CAMPANHA-ARAUJO, I. C.; NASCIMENTO, C. R. R. A construção do projeto adotivo em uma via de mão dupla. **Psicologia em Estudo**, v. 27, 16 mar. 2022.

CASELLATO, G. **Motivos relacionados a luto e fracasso que levam um casal a adoção**: uma possibilidade psicoprofilática. Páginas Brasileiras de Adoção, 1998. Disponível em <http://lexxa.com.br/PBA/index.htm>. Acesso em: 24 abr. 2025.

COSTA, L. F.; CAMPOS, N. M. V. A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19 n. 3, p. 221-230, set./dez. 2003.

COSTA, N.; ROSSETTI-FERREIRA, M. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 425-434, 2007.

CRESWELL, J. W.W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DANTAS, J. G. S. “Na fotografia estamos felizes”: Significados de família para adolescentes em acolhimento institucional. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 24, n. 2, p. 1-19, maio/ago. 2020.

DIAS, M. V. Reflexões sobre a preparação e o acompanhamento de famílias na adoção. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 24, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2020.

ESPINDOLA, S. P.; VIANA, M. B.; OLIVEIRA, M. H. B. de. Crianças e adolescentes acolhidos no estado do Rio de Janeiro: a adoção é a solução? **Saúde em Debate**, [S. l.], v. 43, n. especial, p. 34-47, dez. 2019. Disponível em: <https://saudeemdebate.emnuvens.com.br/sed/article/view/3010>. Acesso em: 1 set. 2023.

FERNANDES, M. B.; SANTOS, D. K. D. Sentidos atribuídos por pais adotivos acerca da adoção tardia e da construção de vínculos parento-filiais. **Nova perspect. sist.**, São Paulo, v. 28, n. 63, p. 67-88, abr. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412019000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 abr. 2023.

FONSECA, C. M. S. M. S. SANTOS, C. P. DIAS, C. M. S. B. A adoção de crianças com necessidades especiais na perspectiva dos pais adotivos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 44, p. 303-311, 2009.

GHIRARDI, M. L. A. M. A devolução de crianças adotadas: ruptura do laço familiar. **Pediatria Moderna**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 66-70, 2009.

GONDIM, Ana Karen *et al.* Motivação dos pais para a prática da adoção. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 58, n. 129, p. 161-170, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2023.

HUBER, M. Z. SIQUEIRA, A. C. Pais por adoção: A adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 200-216, 2010.

LEÃO, Flavia Elso *et al.* Mulheres que entregam seus filhos para adoção: um estudo documental. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 276-283, ago. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 set. 2023.

LEVINZON, G. K. **A adoção na clínica psicanalítica**: o trabalho com os pais adotivos. **Mudanças: Psicologia da Saúde**, São Paulo, v. 14, n. 1, 24-31, 2006.

LEVINZON, G. K. Adoção e falso *self*: o dilema do bom adotado. In: LEVINZON, G. K.; LISOND, A. D. de. **Adoção**: desafios da contemporaneidade. Tradução de São Paulo: Editora Blucher, 2018.

MACHADO, R. N. **Parentalidade e filiação adotivas**: o que revelam e o que ocultam as narrativas dos pais. 172f. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2014.

MACHADO, R. N.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Parentalidade Adotiva: Contextualizando a Escolha. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 442–451, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/19862>. Acesso em: 31 ago. 2023.

MARIANO, F. N.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Que perfil da família biológica e adotante, e da criança adotada revelam os processos judiciais? **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-19, 2008.

MARQUES, C.S. **Programa Travessia**: Um olhar sobre os aspectos emocionais da adoção e a construção de vínculos seguros. 92f. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

MORELLI, Ana Bárbara; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTEIRO, Tales Vilela. O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 175-194, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_art652015000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 jan. 2023.

PEIXOTO, Angelita da Costa *et al.* Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. **Nova perspect. sist.**, São Paulo, v. 28, n. 63, p. 89-108, abr. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412019000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 set. 2023.

PORDEUS, M. P.; VIANA, R. A estrutura do vínculo familiar na adoção tardia. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 24, n. 2, p. 2-18, maio/ago. 2020.

ROCHA, M. M.; FREITAS, M. G. Intervenção para pais adotivos na perspectiva da análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, Goiás, v. 13, n. 2, p. 33-45, 2011.

ROLIM, D.; SIQUEIRA, A. C. Adolescer no acolhimento institucional: percepção dos educadores sociais. **Cadernos de Comunicação**, v. 27, n.1, maio/ago. 2023.

ROSSATO, J. G.; OLIVEIRA, E. L. de; RAMIRES, V. R. R.; FALCKE, D. Dissolução da adoção: (des) encontros entre maternidade e filiação. **Estilos da Clínica**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 445-460, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178221>. Acesso em: 4 set. 2023.

SALVATERRA, F., VERÍSSIMO, M. A adoção: O direito e os afetos. Caracterização das famílias adotivas do distrito de Lisboa. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 26, n. 3, p. 501-517, 2008.

SAMPAIO, Débora da Silva; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Pedras no caminho da adoção tardia: desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 1, p. 311-324, mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/Cx4bFKrqtTrPzL3vHsbCZmD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2020.

SAMPAIO, D. S.; MAGALHÃES, A. S.; MACHADO, R. N. Motivações para adoção tardia: entre o filho imaginado e a realidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 25, jun. 2020.

SCHETTINI, S. S. M.; AMAZONAS, M. C. L. A.; DIAS, C. M. S. B. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 285-293, 2006.

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMATO, L. A.; SANTOS, M. A. Grupo de apoio para casais pretendentes à adoção: a espera compartilhada do futuro. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 40-50, jul./dez. 2006.

SILVA, L.; MESQUITA, D.; CARVALHO, B. Investigando o processo de adoção no Brasil e o perfil dos adotantes. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 44, p. 191-204, 2010.

SOUZA, H. P. **Adoção Tardia**: devolução ou desistência de um filho? A necessária preparação para Adoção. Curitiba: Juruá, 2012.

SOUZA, H. P.; CASANOVA, R. P. S. **Adoção e seus desafios**. Curitiba, PR: Juruá, 2018.

SOUZA, M.; BRITO, L.; MONTEIRO, C. Adoção como Solução: o Cenário Atual no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 41, n. spe. 3, p. 1-14, 2021.

VANALLI, A. C. G.; SANTANA, A. M. de. O Processo de Adoção: Conhecendo as Vivências das Famílias Adotantes. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 158-163, 2008. Disponível em: <https://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/186>. Acesso em: 1 set. 2023.

WINNICOTT, D. W. (1951/1975). **Objetos transicionais e fenômenos transicionais**. In: WINNICOTT, D. W. Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1951/1975.

WINNICOTT, D. W. A adolescência das crianças adotadas. In: SHEPHERD, R.; JOHNS, J.; ROBINS, H. T. (ed.). **Pensando sobre crianças**. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 131-143. Originalmente publicado em 1955.

WINNICOTT, D. W. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: UBU editora, 2020. Originalmente publicado em 1968.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Infertility Report**. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/infertility>. Acesso em: 30 abr. 2023.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Catiane da Silva Marques

Psicóloga clínica infantil, doutoranda em psicologia na Universidade Federal de Santa Maria. Desenvolve pesquisas na área de desenvolvimento infantil, parentalidade e adoção.

<https://orcid.org/0000-0002-0883-9607> • catianemarques.psi@gmail.com

Contribuição: Supervisão, Metodologia, Escrita – revisão e edição

Aline Cardoso Siqueira

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia e em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria. Desenvolve pesquisas nas áreas de desenvolvimento humano, parentalidade, violência contra a criança e adoção.

<https://orcid.org/0000-0002-1432-0270> • alinecsiq@ufsm.br

Contribuição: Supervisão, Metodologia, Escrita – revisão e edição

Marcos Ramos Marques da Silva

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria, atualmente no oitavo semestre. Desenvolve pesquisas na área de parentalidade e adoção, com foco em compreender as dinâmicas familiares e os impactos psicossociais no desenvolvimento infantil.

<https://orcid.org/0009-0005-2517-0537> • marcos-ramos.marques@acad.ufsm.br

Contribuição: Conceitualização, Análise formal, Escrita – rascunho original

Matheus Henrique Velho Trindade

Discente no 8º semestre em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista em extensão pelo grupo Núcleo de Ações e Pesquisas em Saúde (NAPS). Estuda sobre parentalidade, desenvolvimento humano e adoção.

<https://orcid.org/0009-0004-4429-1046> • Matheus.velho@acad.ufsm.br

Contribuição: Conceitualização, Análise formal, Escrita – rascunho original

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos autorais

Os autores dos artigos publicados pela Cadernos de Comunicação mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A cadernos mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editores chefe

Cristina Marques Gomes

Como citar este artigo

MARQUES, C. da S.; SIQUEIRA, A. C.; DA SILVA, M. R. M.; TRINDADE, M. H. V. Expectativas acerca do filho por adoção: vilãs ou mocinhas?. **Cadernos de Comunicação**, v. 29, e84994, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/84994>. Acesso em: XX/XX/XXXX